



ufba

/CÉREBROS

/correio24horas

 @correio24horas



Thais Borges
 textos do especial
 thais.borges@redebahia.com.br



Morgana Miranda
 ilustração
 morgana.lima@redebahia.com.br

Ciência e pandemia: quem é a 'elite' da pesquisa

ESPECIAL Na Bahia, 20 pesquisadores da Ufba, no topo da produção científica, continuam em ação diante da covid-19

Nunca foi tão importante falar de ciência. Diante da pandemia do novo coronavírus, que impôs novos hábitos e realidades em todo o mundo, há um consenso: as respostas para enfrentar a covid-19 virão e têm vindo da ciência.

Fazer ciência, porém, não é fácil. Precisa de pesquisa. E, no Brasil, quem mais faz pesquisa são as universidades públicas – entidades calculam que ao menos 90% da produção venha delas. Mas isso vai além da pandemia da covid-19. Quem não tem estudado diretamente coronavírus também não parou.

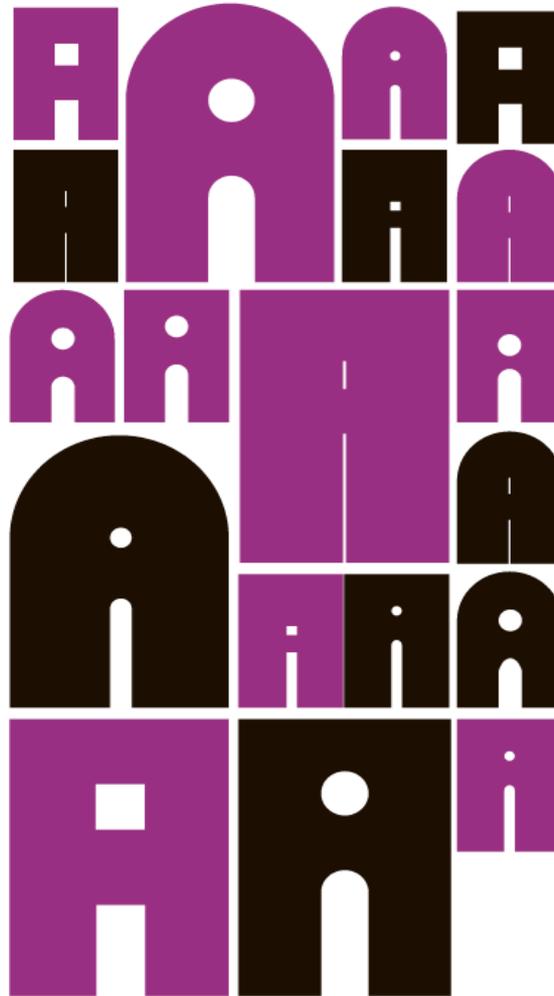
Aqui, a Universidade Federal da Bahia (Ufba) tem os maiores destaques. Mesmo sem aulas presenciais devido ao novo coronavírus, a universidade continua produzindo. Na Ufba, há pelo menos 16 pesquisadores entre os maiores do Brasil: são os bolsistas de produtividade 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Entre os degraus da pesquisa científica, é como se tivessem subido todos.

DISTRIBUIÇÃO

É um posto difícil de ser alcançado – especialmente em um cenário de crises no orçamento. No Brasil, em junho, eram 1.214 auxílios. A bolsa de produtividade, começa com o nível 2. Depois, vêm 1D, 1C e 1B. Ao todo, quase 15 mil pesquisadores recebem a classificação.

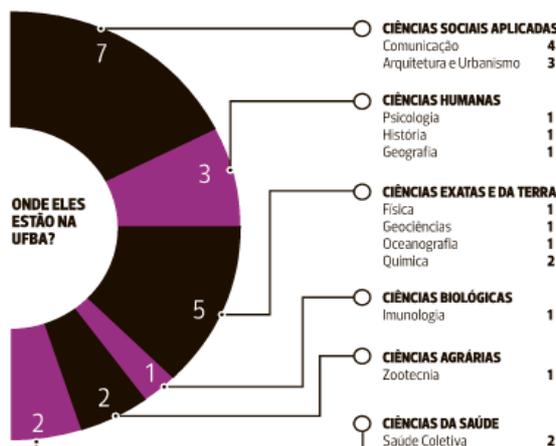
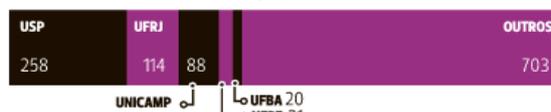
Na própria Ufba, a quantidade mudou no dia 1º de março, data em que, anualmente, bolsas podem ser renovadas ou canceladas. Quando começamos a apurar esse especial, no segundo semestre de 2019, eram 19 pesquisadores 1A.

Quatro pesquisadores tiveram mudanças: dois, agora, têm auxílios ligados a outras instituições (Senai/Cimatec e Fiocruz-BA); um se tornou bolsista sênior e outro não solicitou renovação. Contudo, devido ao vínculo e à trajetória de cada um com a Ufba, decidimos mantê-los neste especial. Outro pesquisador – o professor Ronaldo Lopes Oliveira – se tornou 1A em março. As-



RAIO-X DA PRODUTIVIDADE 1A

BOLSAS NO BRASIL 1264 (em 182 instituições)



Fonte: Mapa de investimentos do CNPq

sim, chegamos a 20.

Escolhemos chamar esse grupo seletivo de Cérebros da Ufba. Não porque são os únicos pensadores da universidade, muito menos os únicos com pesquisas relevantes. Mas, ao mesmo tempo, é possível reafirmar a relevância dos pesquisadores de ponta. Ou seja, do Cérebro.

“É importante celebrar esses pesquisadores e suas pesquisas, lembrando que eles são lideranças acadêmicas que representam a forte comunidade científica existente na Ufba”, diz o reitor da instituição, João Carlos Salles.

Ainda que as aulas presenciais tenham sido suspensas desde março de 2020, devido à pandemia, a Ufba tem mantido atividades administrativas, de extensão e de pesquisa. De acordo com a assessoria da universidade, as aulas só devem voltar quando as condições sanitárias permitirem.

DESIGUALDADES

Os principais centros que recebem essas bolsas estão no Sudeste. A Universidade de São Paulo (USP), a primeira da lista, tem 258 pesquisadores. A Ufba é a 16ª instituição com maior número de bolsas.

Nesse contexto, o coordenador de pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa, Criação e Inovação da Ufba, Thierry Corrêa Lobão, faz uma ponderação. “Embora esse programa tenha grande importância, ele tem uma limitação numérica. Acaba deixando de contemplar vários outros pesquisadores”, diz.

É a mesma análise da presidente do Sindicato dos Professores das Instituições Federais da Bahia (Apub), Raquel Nery. “Um pesquisador não nasce 1A, ele se torna. É uma trajetória que vai depender de um conjunto de variáveis”.

No Nordeste, a Ufba fica atrás da Universidade Federal de Pernambuco, com 31 bolsas. A desigualdade, porém, não é apenas regional. Entre os 20 pesquisadores, só há duas mulheres. Além disso, apenas dois são negros.

Ao CORREIO, os 20 pesquisadores 1A contaram suas trajetórias. Conversaram com a reportagem pela primeira vez no segundo semestre de 2019. A covid-19, porém, afetou as rotinas deles. Por isso, agora, em junho, falaram como têm trabalhado no novo contexto. Conheça as histórias de cada um a seguir. O especial Cérebros da Ufba foi viabilizado pelo Edital de Jornalismo de Educação, iniciativa da Associação de Jornalistas de Educação (Jeduca) e do Itaú Social.

LEIA MAIS EM WWW.CORREIO24HORAS.COM.BR/CEREBROSDAUFBA

ENTENDA O QUE SIGNIFICA

● PARA O CNPQ, É UM RECONHECIMENTO

É uma forma de valorizar o trabalho de pesquisadores com alta produção científica e trajetória de excelência.

● BOLSAS FORAM CRIADAS NA DÉCADA DE 1980

Os critérios vão desde a publicação em periódicos até a organização de eventos. O valor é de R\$ 1,5 mil com um adicional de bancada de R\$ 1,3 mil.

● AS CHAMADAS SÃO ANUAIS

Cada bolsa tem vigência própria. “Temos hoje 350 mil pesquisadores nas universidades. No CNPq, tem 15 mil. Ou seja, menos de 5%”, explica o ex-presidente do CNPq Glaucius Oliva. Os 1A são algo como 0,5% dos pesquisadores do país. “Quando termina o período da sua bolsa, ela volta para o bolo e todos concorrem. Precisa ser reconquistada. É um sistema que estimula os pesquisadores a permanecerem muito ativos”, completa.